

ROTEIRO PARA INICIAÇÃO

Prof. Dr.^d. Cídio Lopes de Almeida

*Doutorando em Ciências das Religião
Faculdade Unida de Vitória
Bolsista FAPES*

ALMEIDA, Cídio Lopes de. Roteiro para iniciação. 3 ed. ampliada. São Paulo: AMF3 Escola de Filosofia. 2023. Disponível em: <https://amf3.com.br/roteiro-para-iniciacao/> Acesso (citar dd/mm/aano)

Resumo:

O roteiro pedagógico tem por objetivo indicar passos de aprendizado capazes de mostrar como ser um iniciado em um dado conhecimento. O problema que desejamos ao menos colocar em debate é que ser iniciado é um estado epistemológico compartilhado com vários espaços da vida social. Da vida universitária, onde se fala em iniciação científica, às tradições religiosas, onde falamos de iniciação à vida cristã, e nas sociabilidades em geral e na maçonaria em particular. O método adotado, em função de ser um roteiro, venceu-se como ensaio, pelo que o expediente habitual de um diálogo com a literatura especializada não foi feito. Consistindo apenas em encadeamentos lógicos argumentativos, bem como indicações de algumas fontes de pesquisa para quem desejar colocar em prática a proposta do roteiro.

Palavras Chaves: iniciação, filosofia de vida, maçonaria.

Introdução¹

O presente roteiro deve ser lido bem devagar. Anote os nomes de associações e escolas para depois você pesquisar na internet, antes, faça a leitura até o final. Outras dúvidas poderão ser formuladas e direcionadas a alguém que você escolheu para ser seu tutor nessa empreitada. Esse texto é uma introdução e por isso não tem um conjunto de informações, o que permite uma leitura mais rápida e atenção ao principal.

¹ Nesta edição de 2023, adicionamos o resumo e a forma de fazer citação acadêmica do trabalho. Ademais, além de breves adições na introdução, o texto continua o mesmo da última edição de 2020. Adicionamos no currículo o fato de atualmente desenvolvermos a pesquisas como doutorando. A motivação das novas edições se movem em dois planos. Primeiro que o tema como um todo matem-se pertinente, há uma demanda pela formação inicial no contexto da maçonaria e das sociabilidades filosóficas em geral. Por outro, este roteiro, dado a brevidade, tem sido lacunar, pois o fenômeno maçonaria e outras filosofia de vida (não as de origem indiana, que conta com um grupo de pesquisa no PPG Ciência das Religiões das UFJF) são bem amplo e pouco tratado como objeto de pesquisa acadêmica. E no curso das interações, na falta de um aparato bibliográfico, vamos verificando faltas, ideias equivocadas de nossa parte, pelo que verificamos a constante necessidade de ajustes. E por isto sempre nos vemos no dever de ajustar nesse processo de aprendizado. Nosso currículo pode ser consultado em: <http://lattes.cnpq.br/4666198835833288>

Ser um iniciado é um caminho complexo. Depende de muitas coisas, algumas até parecem ser fora da razão, pura coincidência, mas nunca dispense a razão, mesmo reconhecendo seus limites. Nada absurdo deve ser aceito até que você consiga compreender racionalmente. E ser iniciado não lhe dará poderes além humanos.

Esse texto é seu primeiro contato com um conteúdo feito para lhe orientar, no âmbito de uma serie de outros da AMF3 Escola de Filosofia. Sem a pretensão de lhe iniciar nessa ou naquela escola, aliás, não há iniciação pela internet, penso que não há auto iniciação. Ser iniciado depende sempre de alguém ou, sobretudo, de um grupo. Pessoalmente penso que só há iniciação no seio de uma comunidade, que após conviver com ela como postulante, você adquire os conhecimentos necessários para ser iniciado. Ser iniciado em qualquer coisa dependente sempre de uma boa relação entre um professor e um aluno; dessa relação, se ela caminhar para uma relação fraternal, e só depois disso, temos, então, uma relação entre “mestre” e “discípulo” e só nesse estágio há propriamente iniciação. Nada que um Paulo Freire não tenha dito de variados modos.

1. Vamos começar

Para propiciar a adequada iniciação de alguém faz se mister a proposição de dois programas.

- 1) PCI – Programa de Combate a Ignorância
- 2) PAC – Programa de Aceleração Cultural

PARTE I

2. P.C.I

O primeiro programa consiste em desmontar uma cultura da ignorância, nesse sentido ele é o mais complexo e de difícil enfrentamento, pois o modelo social vigente tem por base a ignorância ou a ideia de que é preciso simplificar. Como é o modelo hegemônico, conta com todos os recursos possíveis para se perpetuar. E como a demanda por simplificar é para atender uma demanda real em nós como pessoas, pois desejamos compreender a totalidade das coisas, acabamos dando uma resposta equivocada para uma necessidade real.

O modelo de cultura na qual vivemos, na busca por resposta verdadeiras, elege como valores e impõe às pessoas um jeito de ser que é em função do ter. Qualquer outro modo de ser - ser para cultura por exemplo - é acochado e ridicularizado. Uma pessoa que anda de ônibus ao

invés de comprar um carro em longas prestações e, com isso, pagar quase dois carros, é tratada como estranha. Na verdade, quem faz essa opção chega mesmo a não ser vista pela grande maioria da massa. Esse seguimento social tem por expediente não ver as coisas e em dado momento chega ao ponto de não conseguir mesmo dizer o que sente de alguém que prefere comprar livros do que casar e ter filhos. Soa para eles tão estranho que foge a capacidades deles em ver tal opção existencial.

Outro fator que dificulta a iniciação nos dias de hoje é que o ter tem lá sua base de verdade. Não dá para não ter algumas condições materiais necessárias para vida humana. Todos nós precisamos ter uma moradia, comida, roupas um lugar. Sem esses elementos estamos nos privando de dimensões físicas que compõe a condição do humano. A base para a massa afirmar o ter em detrimento do ser se localiza nessa premissa. A força da cultura do consumo, que impede qualquer dedicação do humano às questões espirituais-filosóficas, também ganham força com esse dado de verdade, de fato precisamos consumir.

Ainda sobre a massa, podemos dizer que para ela há apenas uma realidade que é produzida pelos meios de comunicação. Aliás, a realidade deles é apenas aquilo que aparece na televisão e, mais recente, pela internet. Esse público não consegue captar que para se fazer um programa de televisão é preciso de várias pessoas “por detrás” das cortinas. O nível de ignorância leva a massa a pensar que as aulas do “Telecurso”, um tipo de educação através da TV que passa sempre bem cedo quando todo mundo está dormindo ou se apertando nos ônibus para irem ao trabalho, são idênticas às que ocorrem em uma escola. Foge por completo a eles que há muito além do que aparece para eles.

Um curso de ocultismo para esse público é simplesmente prepará-los para verificar que essas e outras estruturas estão ocultas à sua compreensão. O termo oculto aqui não se trata de algo além humano, ainda que a massa assim considera o termo, mas estamos falando de questões que uma boa alfabetização resolva. Considerando que no Brasil, mas não muito distinto nos E.U.A., o número dos analfabetos funcionais encontra-se na casa dos 80% da população, “deso-ocultar” é antes de tudo ensinar as pessoas a lerem a realidade que as cercam, pois há muito elementos “ocultos” incidindo sobre a vida delas.

3. Quem é a massa?

Em geral temos a ideia de que o outro é a “massa”^[2]. Porém é bom ficarmos atento, pois certamente temos em nós muitos elementos dessa cultura que presa pelo ter e não pelo ser.

Em alguns momentos somos mesmos obrigados a nos submeter à mesma lógica, pois não temos como se esquivar.

O ideal, então, é nos planejar para construir outros hábitos, o que exige da pessoa muito mais do que mera boa vontade. Eu e você, portanto, somos “massa” quando somos obrigados a passar por uma pessoa “em situação” de rua. Como não conseguimos resolver todos os problemas e males do mundo, somos obrigados a esquecer um pouco as desgraças do mundo para poder levar a nossa vida. Nesse momento necessário, acabamos de agir igual a massa, pois a indiferença é uma das suas marcas. Podemos citar ainda o egoísmo ou o consumo pelo consumo.

O combate da cultura de massa deve começar em nós. Por exemplo, evito ao máximo enviar e-mail em massa. Valorizo a comunicação lenta, mas personalizada.

4. Como fazer isso?

Chegar para um pai ou mãe e dizer que o filho dela é o mais bagunceiro da escola pode gerar efeitos tenebrosos para o professor que assim proceder. Os pais das várias classes sociais (baixa, media ou alta) em geral não estão preparados para ouvir o veredicto de um profissional de educação. Aliás, na medicina onde o discurso é mais respeitado, existe mesmo o direito Legal do médico em omitir algum diagnóstico terrível a um paciente.

No mundo esotérico e seus similares (oculto, hermético, místico, etc) existem vários tipos de escolas procurando preparar a pessoa para fazer essa transição entre um mundo ordinário, chamado de profano, e um mundo do iniciado, de percepção apurada e refinada acerca da realidade.

Como no caso dos pais, o profano que deseja ser iniciado deve ser poupado de algumas coisas. Deve se ministrar novos conhecimentos em doses que a pessoa consiga absorver. Uma dose fora da medida pode fazer com que a pessoa nunca mais volte a uma escola esotérica.

Várias escolas procuram estabelecer seus métodos para ganhar a queda de braço, pois o modelo social vigente atual atua com muita força em impor um modelo de cultura que nega aos seres humanos dimensões mais elaboradas e refinadas do existir. A força da cultura de massa exerce o papel curioso de esvaziamento do sentido da vida. Quanto mais se consome ou quanto mais as tecnologias prometem fazer milagres, menos sentido a vida parece ter. Tecnologia de ponta não garante felicidade humana de ponta, ainda que a tecnologia pode propiciar algum bem-estar, não consegue completar o sentido da vida.

5. De onde partir?

Os métodos de combate a ignorância têm que coletar seus adeptos onde eles se encontram. As escolas esotéricas em geral “armam suas redes” no turbilhão da vida urbana, pautada pela pressa e pelo consumo. O perigo que essas escolas correm é de serem vencidas pelas forças do senso comum e trazer para seu interior hábitos e modos capturados juntos aos profanos que elas pretendem “iniciar”. Em geral, infelizmente, isso é muito comum. Porém, não há outro caminho. Levar a “luz” só faz sentido se for onde há escuridão.

Para ser iniciado é preciso conhecer a cultura em que estamos. Ser iniciado não é fugir da realidade posta, mesmo que eu discorde dela. Também não é se esquivar de conhecer a si mesmo. Quando alguém se recusa a pensar a si mesmo, sua história pessoal, quem são seus pais, irmãos, etnia, entre outros temas, está no lugar errado ou sedo enganado.

O primeiro passo da iniciação é o conhecimento de si, para depois conhecer o meio em que se vive e, finalmente, procurar conhecer as “outras coisas” que compõe o universo.

Sem querer desanimar, leva-se de 20 a 30 anos para operar mudanças substanciais nas duas primeiras fases. Vários pseudo iniciados, muito frequentes, nunca conseguem entrar na primeira fase, mesmo pertencendo a uma Instituição, pois se recusam fazer o trabalho sobre si. Se recusam a colocar em prática o velho ditado délfico: “conheça-te a ti mesmo”. Um dos motivos é a falta de modéstia, egoísmo, pedantismo e muitas outras posturas da “cultura de massa”.

6. Qual a primeira Impressão

O expediente mais utilizado é o de dificultar a entrada, pois com isso está procurando verificar a capacidade do pretendente em insistir na vida de estudos e pesquisa que é um percurso lento. Quando ocorrer o contrário, isto é, quando os processos de admissão forem rápidos demais, desconfie, pois se trata de alguém querendo o seu dinheiro.

Outro problema que se verifica nas sociedades esotéricas no Brasil é o caráter amador no trato desse assunto. Junto ao caráter amador e ao mesmo tempo fruto dele, parece-me que está um tipo de charlatanismo. Muito semelhante aos “pastores-da-televisão” que fazem milagres de dá inveja a toda a medicina moderna. Esse tipo de charlatanismo é distinto dos modelos clássicos, pois para a legislação brasileira você pode ter liberdade de culto e dizer que o seu Deus faz isso ou aquilo.

O “pastor”, em geral um analfabeto funcional que não consegue escrever uma redação de duas páginas, está imerso em uma cultura de “pregação” que naturalizou um tipo de fazer.

Portanto, eles próprios não veem o seu estilo como estelionato. Esse mesmo fenômeno se faz presente também nas escolas esotéricas. Tem muitas pessoas que são muito limitadas em termos intelectuais, mas que se dispõem “levar a luz” aos outros. Porém, sem qualificações, esse “mago” acaba por fazer um tipo de “esquisoterismo”, isto é, uma mistura de “coisa-esquisita” com esoterismo. No meio desses tem os que movidos de boa vontade e pouca capacidade não chegam a lugar algum, apenas acentuando maluquices e aprofundando patologias psíquicas. Outros, mais perigosos, fazem da iniciação e do esoterismo uma fonte de renda. Em geral cobram caro para fazer iniciações, o que é uma fonte de renda garantida.

Outro ponto relevante e que compõe as primeiras impressões do mundo esotérico é a ideia de exclusividade. Cada escola se diz a única capaz de iniciar a pessoa. Quando se tem em mãos os materiais de estudos ou propaganda, iremos notar a total omissão de diálogo e os textos assumem com frequência estilo catequético, expurgando totalmente a razão. Aliás, o mais bizarro é certificar como até mesmo um movimento racionalista vira dogmático e catequético.

Essas contradições ou argumentos falaciosos logo são percebidas por alguns raros indivíduos, que tem um profundo interesse pelas questões místicas, mas não dispensam o bom senso propiciado pela razão. Fatos que fazem com que a pessoa se afaste da oportunidade de se dedicar a um tipo de desenvolvimento de si.

Primeiro passo do P.C.I. (Programa de Combate a Ignorância)

7. Terapia

Procure um profissional de análise (psicanalista ou análise junguiana) para lhe auxiliar a “cuidar de si”. Nos dias de hoje é comum as pessoas fazerem filas nas “academias de ginástica”, mas o cuidado das demais dimensões do humano, que vão além do corpo físico, são totalmente desconhecidos. A cultura de massa, aliás, não só desconhece o cuidado de si, compreendido como cuidado da dimensão simbólica que compõe o ser humano, mas zomba desse fazer. Considera alguém que procura cultivar suas dimensões sutis ou psicológicas como alguém que “precisa de deus”. O certo para essa cultura cancerígena é aceitar sem ressalvas um conjunto de coisas com apelo não racional que se dizem representar o sagrado. E aí há mais uma mistura de algo que é importante para nós humanos, com uma oferta inadequada da coisa.

O cuidar de si compreende também o cuidado com o corpo, mas existem outras dimensões na composição do humano que também precisam ser cuidadas. Se nos dias de hoje passar horas na “academia” é normal, para um morador do meio rural da década de 70 soaria

algo profundamente estranho. A ginástica passou a fazer parte do repertório do brasileiro muito recente e demonstra um cuidado corporal que tem excedido ao normal. Ter o corpo “sarado” passou ser algo fora do normal, beirando a doença. Esse desequilíbrio e a ausência do cuidado do espírito (espírito como dimensão não corpórea do humano) pode estar na causa da perseguição do corpo ideal, que é uma magreza doentia.

8. As escolas

São varias as escolas e tipos. Algumas só aceitam homens outras, raras, só mulheres. E um número crescente aceitam ambos os gêneros. Abaixo uma lista das que julgo interessantes, mas que deve ser avaliada a cada caso.

Maçonaria (Basicamente são três grupos no Brasil: cmsb org br, comab org br, gob org br. Fora esses grupos não recomendo) Maçonaria Mista (Aceitam ambos os gêneros; GLADA glada.org.br/ e [droit-humain.org.br / website/](http://droit-humain.org.br/) Le Droit Humain); Eubiose; Teosofia; Rosa Cruz (Amorc é uma Rosa Cruz, tem outras, como a Fraternidade Rosa Cruz); Pró-vida; Umbanda (www.ftu.edu.br); Antroposofia (www.sab.org.br; que não se apresenta como tal; tem bons materiais, talvez a mais profissional e qualificado sociedade esotérica-mística existente no Brasil; é bem restrita; sofre de endogenia.); Círculo Esotérico do Pensamento, que publicou vários trabalhos muito qualificados sob o selo Editora Pensamento.

É importante dizer que ainda existem várias outras experiências de cunho iniciático e esotéricas, mas que preferem não se apresentar dessa forma. Existe ainda uma lista daquelas que não é bom procurar, coisa que é melhor fazer pessoalmente.

Existem vários outros grupos esotéricos, mas para esse manual já é um bom começo.

PARTE II

9. P.A.C (Programa de Aceleração Cultural)

O Plano de Aceleração Cultural não é uma ideia genuína desse manual. Encontramos com essa proposição através de um vídeo-aula do youtube sobre a ética de Aristóteles. Mais tarde verificamos que a aula estava inserida num projeto amplo e muito interessante que faz orbita ao pesquisador Waldo Vieira, com sede na cidade de Foz do Iguaçu. Os objetivos do projeto são amplos, mas penso poder dizer que ele se caracteriza por se dedicar a pesquisar a consciência humana, donde deriva o nome “conscienciologia”. (<http://www.iipc.org/>)

Não temos contato algum com o projeto, apenas fizemos leituras oriundas da internet. Porém, a ideia de um projeto de “aceleração cultural” nos pareceu genial. A proposta de

acelerar uma formação cultural geral, erudita, consiste em preparar o contexto de percepção da pessoa para que ela possa receber os ensinamentos específicos. No caso de Waldo Vieira, e todo o gigantesco projeto em Foz do Iguaçu – bairro Cognópolis, a preparação é para receber o conteúdo da obra O Livro dos Espíritos de Leon Denis – Allan Kardec. Para eles, e para nós também, sem uma dose de conhecimento da história do conhecimento humano não se consegue acessar certos saberes específicos.

A limitação cultural acaba por dificultar qualquer trabalho sério sobre misticismo, sociabilidade, filosofia prática e mesmo na formação universitária. Por isso que nos currículos dos cursos universitários brasileiros tenha sido necessário criar uma legislação que torna obrigatório atividades culturais, ditas extensão universitária. Nesse sentido, uma pessoa que se disponha a ser um iniciado deve procurar se qualificar. A qualificação cultural não é mero curso profissional, o que coloca um desafio adicional à pessoa. E ser iniciado aqui é no sentido amplo do termo, iniciação científica, iniciação filosófica, iniciação cristã, etc.

10. Quais cursos deve-se fazer?

Os cursos mais apropriados para auxiliar as reflexões esotéricas místicas ou filosóficas são campo do saber que em geral tem pouco “entrada” no mercado de trabalho. Aliás, em uma primeira olhada, até parecem ser coisas totalmente estranha uma a outra, isto é, espiritualidade parece estar totalmente fora do mercado e por isso fora dos cursos universitários.

Existe um paradoxo, isto é, um problema sem solução, entre nós brasileiros. O curso de Filosofia seria o melhor lugar para se apreender as ferramentas mais adequadas para uma filosofia prática, seguido de alguns cursos de Teologia e de Ciências da Religião. Contudo, no caso dos cursos de Filosofia temos o fenômeno de considerar mística como algo banal, depreciativo. Sendo a moda ser ateu. Já nos cursos de Teologia, há uma variação enorme sobre esse nome, mesmo sendo cursos regulados pelo Ministério da Educação e Cultura. Podendo ter currículos muito abertos ao estudo das mais variadas experiências religiosas e todo o universo do além razão; daquilo que excede a razão, ou cursos extremamente fechados sobre os pilares de uma dada confissão religiosa. Talvez, o curso de Ciências da Religião seja o mais aberto a estudar de modo profissional o que denominamos de sociabilidades místicas/filosóficas.

Não encontrando espaço fértil no mundo universitário, o tema das sociabilidades filosóficas e místicas, acabam por se reproduzirem na base do amadorismo. Mesmo que os responsáveis por essas escolas sejam renomados profissionais na sociedade, quando tratam da

prática e das teorias das suas sociabilidades, o fazem de modo amador. Não havendo interação profissional propriamente e elevando os temas que aí são tratados.

Resta às escolas ou sociabilidades aquela pessoa bem-intencionada e bem-sucedida em outros campos profissionais. Pessoas que alcançaram certa tranquilidade profissional num dado campo do saber e do fazer que tem muito pouca ligação com a iniciação esotérica, com a filosofia, com a mística. O que acaba acarretando uma confusão básica, pois ser bem-sucedido em um campo do saber, tais como engenharia, direito, medicina, não implica que se possa fazer uma transposição desse sucesso para assuntos esotéricos e filosóficos. E é o que ocorre, tornando-se apenas um arremedo de ilustração (Iluminismo).

Filosofia, Artes (Teatro), Psicologia, Ciências da Religião são os cursos mais indicados para uma iniciação esotérica de fato. Outros que podem complementar o desenvolvimento são: Matemática (música), física e química.

O ideal para qualquer escola esotérica e de filosofia prática é articular três campos do saber. Filosofia, Teatro e Artes/Fazer. Devemos compreender Artes no sentido grego de técnica ou da capacidade humana em criar coisas, portanto um pouco mais amplo do que acostumamos compreender por artes. Os Companheiros da França, por exemplo, consistem em uma confraria em que isso é posto em prática. Talvez a única que perdurou da Idade Média aos nossos dias de hoje, isto é, documentado pelo Estado Francês nas suas varias idas e vindas. Portanto algo que podemos efetivamente dizer que seja uma instituição que vem do período medieval, e não as caricatas histórias de Templários.

Em conclusão ao tópico quais cursos fazer, temos três campos de conhecimento que são fundamentais. O teatro nesse contexto pode ser também chamado de liturgia ou um método no qual utilizamos nosso próprio corpo como instrumento de aprendizado. A dramatização ou encenação é um poderoso instrumento no conhecimento de nós mesmos. Filosofia como o conteúdo ou o “Ser”, isto é, tudo aquilo que “é”. São os conteúdos de sentido da vida, os princípios que escolhemos vivenciar em comunidade.

Nesse contexto, uma formação esotérica adequada implicaria em não só estudar Filosofia, mas saber igualmente alguma fazer “útil” para o mercado de trabalho. De qualquer modo é um desafio para uma formação esotérica madura e profissional pensar que não dá para ser iniciado e retirado do mundo. Mesmo em uma comunidade isolada, será necessário saber fazer algumas coisas no mundo, isto é, as coisas úteis são necessárias, pois de algum modo elas também contribuem para a iniciação.

11. Ser útil ou se retirar da sociedade?

Mesmo os grupos esotéricos que propõe aos seus membros sair da sociedade em que vivemos, pois a considera corrompida demais, se veem obrigados a terem um bom conhecimento dessa sociedade para poder fundamentar a retirada dela. (Alguns grupos que se retiram parcialmente: Cidade Eclética, Fundação Harmonia, Fazenda Figueira, Comunidades Menonitas, Amsher, Quaker, etc.). Nesse sentido, ser esotérico ou filósofo não é negar os fazeres úteis dessa sociedade. Nesse ponto nossa consideração é que a vida baseada numa filosofia prática pode também acontecer em meio ao cotidiano. O desejo de evitar as coisas “fúteis”, sem utilidade e ainda que nos fazem algum tipo de mau, é louvável e podemos levar esse projeto adiante sem ter que tornar-se um Ermitão, aqueles que vivem isolados em alguma montanha.

Um bom curso de eletrotécnica, de costura, de cozinha, de cerâmica, de mecânica, de construção civil, de vendas, entre outros, não são coisas que um iniciado numa filosofia prática é indigno de fazer. O difícil é conciliar esses fazeres técnicos com a filosofia e a iniciação, pois em geral a sociedade de massa, e a cultura brasileira em específico, faz uma hierarquia de valores sobre os fazeres profissionais. O que coloca todos as profissões técnicas no lugar de menor valor e as de “curso superior” com maior valor. Ou, sendo a maioria corrente, os que desprezam a importância do saber humano no geral e em especial saberes ditos “filosóficos”, “artísticos”, etc.

Esse desejo de “sumir” da vida urbana, com certa frequência almejado por quem procura as ordens esotéricas, não é um fato novo. Desde os Essênios, os monges do deserto, lá no antigo Egito, passando pelos puritanos da Europa (Menonitas, Quakers, Amsher, etc) aos movimentos hippies de nossos dias, sempre houve interesse de grupos de pessoas de se isolarem dos demais e construir uma nova sociedade que coloque no centro da vida comunitária os ideais defendidos pelo grupo. Nessas experiências o que podemos notar que conseguiram para além da filosofia, construir metodologias de produção para nutrir o corpo.

Esse desejo de se separar da vida da sociedade macro, formando comunidades, hoje se chama segregar. Prática não recomendada pela O.N.U. a qual também achamos perigosa; apontando que nossas proposições são sempre no sentido de que a filosofia se pratica em meio a todos os dilemas sociais. Da vida profissional à pessoa, filosofia é justamente para permear tudo isso.

12. Mãos à obra.

Considerando alguém que não pode se dedicar aos estudos, enquanto alguém pague as suas contas, podemos pensar em dois roteiros para o P.A.C.

A) Curso Técnico + Curso de Filosofia

Um bom curso técnico feito no Centro Federal de Educação Tecnológica ou nos SESC-SENAI poderá resolver o problema de emprego, sendo jovem, que muitos postulantes do mundo esotérico ou de filosofia prática passam. São cursos de alta empregabilidade e de remuneração muito boa. São cursos que capacitam de fato quem passa por eles. Esqueça os demais, devendo ficar atentos com novidades de qualidade que também aparecem com a nova cultura virtual.

Após um bom curso técnico a pessoa pode procurar um curso de filosofia. Existem cursos gratuitos nas Federais ou mesmo alguns particulares.

B) Curso de filosofia em Universidade Pública

Outra opção é procurar uma boa universidade pública na qual tenha a graduação em filosofia. Atualmente existem boas condições para que a pessoa possa se dedicar aos estudos universitáriosⁱ. Com certo esmero, pode-se pleitear ajuda governamental para se manter na universidade. Contudo, ter apenas uma graduação em filosofia não lhe ajudará no mundo da esfera da sobrevivência. Sempre é bom poder ter feito um curso técnico, pois filosofia não “dá futuro” no mercado de trabalho.

C) Curso de Filosofia Prática AMF3

Associar um curso técnico e uma graduação em filosofia parece-me a chave de ouro. A filosofia potencializa qualquer fazer técnico e quem transitar pelas duas aéreas, além de ser requisitado pelo mercado simplesmente por ter feito um curso técnico ou superior, terá o diferencial de conseguir ir além do ordinário (comum). Habilidade requisitada e bem paga pelo mercado.

Nesse contexto, sobretudo para profissionais já maduros e com os aspectos técnico muito bem encaminhado, nossa proposta de formação em Filosofia figura como singularmente apropriada. Servindo-se da filosofia universitária, com todo seu rigor e qualidade, modulada em metodologia muito cativante, oriunda das várias sociabilidades e mesmo de grandes

tradições religiosas como o Cristianismo Católico, você conseguirá usufruir do saber filosófico na vida profissional e cotidiana.

Enfim, estamos no começo. Lembre-se, há tempo para tudo. A pergunta que sempre faço e convido a você fazer agora é: Será que você está vivendo o que deveria estar vivendo? Parece uma charada, mas não é. O objetivo é que meditemos se é tempo de efetivamente nos dedicarmos a algumas coisas e nesse caso aos estudos de Filosofia. Errar o tempo, pode ser frustrante e mesmo um desperdício de talento; o desencontro pode ocorrer de duas formas, primeiro está fora do tempo certo, depois encontrar o mestre errado. Esses dois desencontros pode nos privar de sermos felizes.

Prof. Dr^d. Cídio Lopes de Almeida

[1] Graduado em Filosofia(PUC-MG 2001), Pós-graduação em Arte-educação (PUC –MG 2003), Graduado em Pedagogia (Uninove /2008); Pós-graduação Livre em Estudos Bíblicos Centro Verbo - SP (2007/08); Mestre em Filosofia (Faculdade de São Bento – SP/2010); Graduado em Teologia (Faculdade Vicentina, Curitiba – PR 2017); Atualmente desenvolvo orientações de doutoramento na FLUP-Coimbra, sob Orientação Prof. Dr. Alexandre Franco de Sá.

[2] Leia: O que é cultura. Coleção primeiros passos. Editora Brasiliense.

ⁱ.Na primeira versão do texto no ano de 2011; atualmente, 2019, não mais.